



Gênero e violência : uma reflexão a partir do trabalho com a violência doméstica e sexual.

Maria Eunice Figueiredo Guedes

DPSE/Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS)/UFPA.

Doutoranda de Psicologia Social da PUC/SP

Resumo:

A violência é uma realidade tão antiga e pode estar atrelada à “necessidade” de poder. O indivíduo ou o grupo é resignificado, por parte do agressor, com um tipo de ameaça e alvo para a obtenção de prazer pela subjugação. Nos deparemos com casos de espancamento e violência sexual que podem provocar morte e deixar seqüelas físicas e psíquicas para o resto da vida. As maiores vítimas são *crianças, adolescentes e mulheres*. Para pensarmos na articulação no âmbito da reflexão sobre a violência doméstica e sexual, temos que entender que existe uma mediação que passa pela cultura. Neste sentido nos baseamos no atendimento no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza - HUBFS e na discussão da construção cultural (indígena e portuguesa) para podermos compreender a articulação entre gênero, adolescência e violência. Assim discutiremos: 1. como a violência pode ser articulada com as relações familiares e a cultura e como as práticas sociais culturais

podem incidir sobre a violência; 2. como as práticas; a educação e construção de valores sexualizados (masculinos e femininos) estão presentes, nos conflitos onde aparece a violência. A construção da cultura da região se articula com o simbólico e apontam pistas para compreender as queixas e situações com que nos deparamos hoje no trabalho com mulheres adolescentes vítimas de violência sexual.

Palavras chave: Violência Sexual; Cultura amazônida e violência.

I. Introdução

Um trabalho acadêmico é sempre vinculado ao olhar e à perspectiva de quem “o escolhe” como tema de investigação. Esse é o caso deste texto. Ao adentrar como professora da Universidade Federal do Pará- UFPA e depois como pesquisadora em um estado (Pará) que apresenta uma grande presença das culturas lusitana e indígena, realizando estudo de uma temática tão difícil como é a violência contra adolescentes muitas vezes me deparo com meus próprios conceitos e preconceitos. A “complacência” (não sei se este é o termo que melhor retrata essa situação) ou “cumplicidade” de muitas famílias paraenses, com a violência sexual intrafamiliar, se chocaram com as minhas próprias raízes (portuguesas). As inúmeras gerações de meninas/jovens abusadas e as maneiras como elas e os familiares estão lidando com essa situação era e é para mim um ponto de interrogação. Como conseguem conviver com essa situação? Quais elementos estão presentes na constituição dessas relações sociais que permitem em pleno Séc. XXI a continuação dessas relações de violência? Assim relembro a rigidez que me parece acompanhar a cultura lusitana em relação à sexualidade, virgindade, lugar da mulher no espaço familiar tornou-se ainda mais necessário de entender o fenômeno da incidência de relações incestuosas no Pará.

Este texto é um pequeno esboço, permeado ainda por várias lacunas. Muitas vezes me pergunto se esta minha indagação, da relação entre a construção da cultura paraense com a violência, tem sustentabilidade. Tenho buscado estabelecer diálogos com acadêmicos que vêm trabalhando sobre “migrações e cultura portuguesa” que é o foco de investigação

do Prof. Jose Gabriel Pereira Bastos da Universidade Técnica de Lisboa (Portugal). Também na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC desde 1999 um grupo de pesquisadores¹ vem realizando essa reflexão entre “cultura, prática sociais e influência da cultura lusitana” (principalmente na cidade de Florianópolis, fundada por portugueses e açorianos).

No meio disso me encontro quem sabe “uma estrangeira” em terras paraenses. Um Pará que me espantou desde quando fui contratada pela UFPA: seu casario, fortes, culinária e a enorme quantidade de cidades que tinham nomes iguais ao de cidades portuguesas: Viseu; Óbidos; Belém; Terra Santa; Santarém; Bragança etc. Em alguns pontos da cidade de Belém parece que estamos na “baixa” lisboeta. Com estes sentidos presentes e ainda com inúmeras dúvidas é que tento aqui “esboçar esta reflexão”.

Mais especificamente, nas discussões sobre adolescência e sexualidade, meninas (os) de Belém do Pará têm sido objeto de estatísticas em relação a indicadores preocupantes como gravidez precoce; abusos e violências físicas e sexuais por parte de policiais, gangues, pais de rua² e transeuntes ; práticas sexuais sem o uso de preservativo (com aumento do número de DST/AIDS entre os jovens de Belém) etc . A condição de vulnerabilidade, com que se depara a população infanto-juvenil, na cidade e no Estado do Pará não tem como contrapartida políticas de assistência social; saúde física e mental e cidadania.

Somente na cidade de Belém até 1997 mais de 80 mil casos de violência contra a mulher, foram registrados na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher – DCCIM. Segundo dados do Anuário Estatístico de Belém (1998) foram registrados na DCCIM 364 casos de estupro (no período de 1990 a 1996), contra mulheres adultas e 28.963 atos de lesões corporais , no mesmo período. Em relação a crianças e adolescentes , no ano de 1996, foram registrados 189 casos de estupro (SEPLAN, 1997).

De acordo com dados do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente- CEDECA, SOS criança, Conselhos Tutelares, Delegacia de Atendimento ao Adolescente- DATA foram registrados no ano de 1990, 436 casos de violência contra crianças e

1 Grupo interdisciplinar (Sociologia, Psicologia, Economia, Antropologia etc) com pesquisadores, que constituíram o Núcleo de Estudos Universidade e Movimentos Sociais- MOVER, que faz parte da UFSC e que vem realizando seminários sobre “intercultural e movimentos sociais”.

2 A expressão “pais de rua” está se referindo a homens que muitas vezes convivem e tomam conta de jovens no espaço da rua sem terem vínculo familiar com estes jovens

adolescentes e em 1997 registraram-se 2197 casos. Os dados mostram um aumento muito significativo nesta estatística da violência de quase 300% (entre 1990-1997). Segundo o Centro de Defesa do Menor de Belém- CDM mais de 70% das crianças/adolescentes são vítimas de maus tratos, sendo que a maioria dos agressores são os pais.

No que se refere à violência, que atinge crianças e adolescentes, muitas vezes se fazem presentes algumas questões: a discussão na sociedade sobre o “uso do castigo” como instrumento pedagógico³ ou disciplinar por parte dos pais; a noção construída socialmente de proteção à infância e do direito da família sobre a prole como assinala Ariès (1978); o segredo familiar sobre situações como violência e abuso sexual no âmbito da casa; das situações traumáticas relatadas pelos filhos de crianças/adolescentes vítimas de abuso sexual; da relação entre os vários tipos de violência e o uso de substâncias como drogas e álcool pelos familiares; dos processos de reprodução da violência pelos adultos agressores; deficiência de retaguardas sociais mais amplas de promoção e de articulação de programas sociais que façam a inclusão social de setores vulneráveis como por exemplo as crianças em situação de risco social e/ou pessoal⁴.

Em Belém temos cada vez mais famílias (com grande número de membros) nas ruas. Outras formas de família se constituem no próprio espaço da rua (amizades, companheiros, namorados, etc.) formadas pelos (as) adolescentes.

Sendo a adolescência uma fase de construção e de experimentação do sujeito, os adultos que, teoricamente deveriam proteger tal criança/adolescente, proporcionando-lhes afeto e bem-estar, ao contrário, muitas vezes utilizam-se de seu lugar de autoridade e poder para cometer atos de violência e abuso sexual. Pesquisa realizada na cidade de Belém pela

3 Como exemplo estamos atualmente presenciando a discussão que está sendo travada hoje sobre o uso da “palmada” como corretivo na Inglaterra.

4 Chamamos aqui situação de risco social e/ou pessoal ao fato de crianças/adolescentes estarem convivendo ou trabalhando nas ruas de Belém conforme já ficou caracterizado em pesquisa realizada em 1998. Este trabalho de pesquisa denominado *Estudo exploratório com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e/ou social* foi financiado pelo Ministério da Justiça- MJ e patrocinado pela Fundação Papa João XXIII- FUNPAPA em 1998 e coordenado pela Prof^a Maria Eunice Figueiredo Guedes/GEMPAC com o apoio de técnicos da FUNPAPA, educadores do Movimento de Promoção da Mulher- MOPROM; Grupo de Mulheres da área Central de Belém- GEMPAC, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de rua- MNMMR e transcorreu de março a julho/1998. Foram entrevistadas cerca de 10% das crianças e adolescentes que moravam e/ou trabalhavam nas ruas de Belém identificadas no estudo do Acertar “Levantamento e Quantificação das Condições de Vida da População de Rua do Município de Belém” (Março/1998).

FUNPAPA/GEMPAC em 1998 aponta que algumas das meninas⁵ entrevistadas iniciaram a vida sexual antes do que se denomina de adolescência (12 a 17 anos), ou seja, com 8 anos e os meninos com 6 anos. Ocorreram relatos de abusos sexuais com meninas de 8 anos e 12 anos; além de abusos e tentativas de estupro contra meninas (os), cometidos por policiais, vendedores e meninos de rua.

Se por um lado, o exercício da sexualidade deve ser um direito e opção, para as crianças e adolescentes, por outro é necessário coibir a violência sexual a que estas são submetidas, tanto no espaço da rua quanto no âmbito da família. Conseguiu-se identificar alguns casos no *Estudo exploratório*⁶, em que essa iniciação sexual, não dependeu somente do desejo da criança, mas também de outros fatores, tais como: brigas familiares que culminam com o morar na rua; rituais de entrada no grupo de rua, para os quais é necessária também a submissão sexual; autoritarismo policial (os quais abusam e estupram meninas /os); o abuso sexual por parte de membros familiares (pais, padrastos, etc) e da rua (taxistas, garçons), etc. Fatos semelhantes foram descritos por Duque-arrazola (1997) na cidade de Recife; por Saffioti (1997) no Rio de Janeiro e por Silva (1997) em Belém.

I O Programa de atendimento a mulheres , crianças e adolescentes vítimas de violência Doméstica e Sexual - PEMA

Em Dezembro de 1999, foi montado um trabalho experimental de atendimento psicossocial a mulheres adultas, crianças e adolescentes no Hospital Bettina Ferro de Souza-HUBFS denominado “Programa de atendimento a mulheres , crianças e adolescentes vítimas de violência Doméstica e Sexual”⁷ - PEMA. Este projeto tem como

5 Segundo dados do *Estudo Exploratório com Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social e Pessoal* . Guedes, M.E.F. (Coord.) . Belém : FUNPAPA/GEMPAC. Julho 1998, pp.9-138, mimeo.

6 op.cit. Estudo exploratório....

7 Este trabalho foi implementado em sua versão mais recente em dezembro/1999, embora desde 1997 tenha se discutido com Delegacia da Mulher/Belém, Juizado da Infância e Adolescência, OAB a operacionalização desse trabalho. Em 1998 ele funcionou na sede da OAB/Pará. Em 1999 se mudou para o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza –HUBFS da UFPA. Esse trabalho foi coordenado pela Profª Maria Eunice Figueiredo Guedes do DPSE/UFPA até Novembro/2001 quando foi assumido pela Profª Milene Xavier Veloso do DPSE/UFPA. Inicialmente atendia mulheres adultas sendo que a partir de março/2001 passou a atender crianças e adolescentes. Esse trabalho contou com a parceria de organismos governamentais e não governamentais como Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense,

objetivo a prevenção, atenção e atendimento a crianças, adolescentes e mulheres que são vítimas de violência doméstica e sexual em Belém.

A equipe que compõe o projeto é constituída por Psicólogas (os);docentes do Departamento de Psicologia Social e Escolar- DPSE da Universidade Federal do Pará- UFPa e discentes do curso de psicologia. Tem o apoio do Ambulatório de Ansiedade e Depressão -AMBAD que funciona no Hospital Bettina Ferro e de profissionais das áreas de ginecologia e Psicologia Clínica do HUBFS. São realizadas atividades de atendimento, através da escuta individual das crianças, adolescentes e seus respectivos responsáveis, com a realização de *Anamnese* ; realização de *Grupos Educativos* (adolescentes e familiares), onde se reflete sobre os depoimentos das situações de violências ; oficinas e palestras para organizações não governamentais- Ong's e organizações governamentais- Og's; contribuição na articulação e fortalecimento da *rede de atendimento e prevenção à violência doméstica e sexual* ⁸na região metropolitana de Belém . É realizado também um trabalho junto com os (as) responsáveis pelos adolescentes⁹.

A população atendida pelo projeto é encaminhada pela Delegacia de Atendimento ao Adolescente – DATA, Secretaria Municipal de Educação – SEMEC, Unidade de Referência Materno-Infantil – UREMIA, Pastoral do Menor, pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – CEDECA Emaús, Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, Hospital Santa Casa de Misericórdia, Conselho Municipal da Condição Feminina, DCCIM e Albergue Municipal entre outros.

Iniciamos o trabalho com crianças/ adolescentes em junho/2000 e foram atendidas 42 crianças/adolescentes, na faixa etária de 4 a 17 anos.A maioria dos atendidos foi do sexo feminino

CMCF, Albergue Emanuele Diniz, Abrigo Dulce Accioly, GEMPAC, Conselhos Tutelares, DATA, MNMMR, RedeSaúde/Pará, entre outras entidades.

⁸Diversas instituições da sociedade civil e da área governamental vêm tentando efetivar uma Rede de Atendimento e prevenção à violência doméstica e sexual . O trabalho no HUBFS se coloca na perspectiva de ajudar na construção dessa rede.

⁹ No processo de constituição desse serviço também apareceu uma clientela constituída de crianças que foram encaminhadas para o setor de Psicologia do Hospital. Os adolescentes são encaminhados principalmente pelo Abrigo Dulce Accioly, que é um espaço pertencente à Prefeitura Municipal de Belém -PMB e onde adolescentes do sexo feminino em situação de risco social e/ou pessoal podem ficar por um período de até três meses (podendo ser maior esse tempo) e é feito um trabalho por essa instituição de reintegração da adolescente ao grupo familiar.

Os dados do PEMA até o primeiro semestre de 2002 indicam que foram inúmeras as formas das ações de violência sobre os jovens atendidos pelo programa: emocional; abuso sexual; estupro; violência física etc¹⁰. A vivência com as situações de violência, por parte dos adolescentes, teve algumas conseqüências no âmbito físico e psíquico: dor pélvica; hemorragia; gravidez; dor-de-cabeça etc. Surgiram também casos de depressão; ansiedade; problemas no estudo e nas relações familiares, sendo que muitas das crianças e adolescentes, atendidos pelo PEMA, foram objeto de mais de uma forma de violência. (tabela 1)

Tabela nº 1: Quanto aos Tipos de Queixas:¹¹

TIPOS DE QUEIXAS	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
ABUSO SEXUAL	
1. <i>Assédio Sexual</i>	04	6,7%
2. <i>Estupro</i>	10	16,7%
3. <i>Atentado Violento ao Pudor</i>	05	8,3%
VIOLÊNCIA FÍSICA (praticada por terceiros)	03	5%
MAUS TRATOS		
1. <i>Físicos</i>	17	28,3%
2. <i>Psicológicos</i>	06	10%
DROGADICÇÃO	04	6,7%
ENVOLVIMENTO C/ GANG e PROSTITUIÇÃO	03	5%
CONFLITOS FAMILIARES	06	10%
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM	02	3,3%
TOTAL	60	100%

Fonte : Dados do PEMA . Dezembro de 1999 a dezembro/2001

Nas entrevistas realizadas com familiares e no trabalho de grupo (realizado pela equipe do PEMA) com os adolescentes, identificamos várias histórias de “vivência de situações de violência“ praticadas pelos familiares dos adolescentes atendidos pelo projeto. Identificamos também que muitas crianças e adolescentes são objeto de maus tratos físicos e psicológicos e ocorreu uma grande incidência de casos (19) de abuso sexual (seja assédio, estupro ou atentado violento ao pudor).

10 Definição de formas/tipos de violência de acordo com classificação da Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência- ABRAPIA feita no texto Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes. FILHO, Lauro Monteiro. (coord.). 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, nº 3, 1997

11 As categorias aqui alencadas na tabela 1 foram efetuadas de acordo com o Guia de Orientação para Profissionais de Saúde: “Coleção Criança Carinho” da Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência -ABRAPIA.

A violência com que convivem as crianças e adolescentes, dentro dos seus lares, muitas vezes é silenciada e até mesmo mascarada (pelos próprios familiares). Os agressores destes são muitas vezes o pai, a mãe, o padrasto, o tio ou o avô, aqueles que pelos padrões da “família normal”, pois segundo Saffioti (1992),

“...o trauma decorrente de um abuso sexual varia enormemente da situação em que o agressor é desconhecido ou até mesmo conhecido mas não-parente, para a circunstância agravante de ser perpetrado pelo pai, tio, avô, etc...” (Saffioti, 1992, p.20)

A violência assim pode ocorrer no “lar-doce-lar”, no seio da família, que seria um espaço de amparo, afetividade, no qual se desenvolveria a base para uma socialização positiva do indivíduo. O “lar-doce-lar” também passou a ser, para alguns adolescentes, atendidos pelo PEMA, um local de conflito e incerteza quanto à integridade física e emocional como mostra a entrevista inicial de L.¹²(17 anos)¹³

“...L. sofreu aliciamento por parte do avô (ela tinha 6 anos). Ele fazia com ela, com as irmãs, primas e outras meninas que frequentavam a casa. Ela sofreu isso dos 6 aos 12 anos...ela criou coragem e falou com D. (mãe). D disse que ele (pai de D. e avô de L.) fez isso com D. também... Outro homem (amigo da família) tentou estuprar L. e suas irmãs ...” (L.)

As violências doméstica e sexual reduzem a criança e o adolescente a objetos do outro, seja objeto sexual ou não, no qual o adulto, através da violência, expressa o seu poder sobre alguém mais fraco. A depreciação e baixa auto-estima, nesses adolescentes, pode fazer com que o círculo da violência continue ocorrendo e se perpetuando nas relações afetivas posteriores e no desenvolvimento psíquico/mental.

*“L. não permite que toquem nela. Isso tem segundo L. causado prejuízos nas relações dela com os namorados. Se o rapaz começa a acariciá-la ela se sente muito mal...
...a irmã de L.(de 24 anos), que também foi abusada, tem segundo L. idade mental de 10 anos (fala e age como criança) estudou só até a 3ª série..” (L. 17 anos)*

Por outro lado à violência traz também relatos que “parecem ocultar ou negar o próprio fato (a ocorrência da violência)” e as conseqüências deste na vida . L. falando sobre seus sentimentos em relação ao ato coloca que “o abuso do avô foi marcante para ela mas

12 As abreviaturas e nomes foram aqui trocados para garantir a confiabilidade dos sujeitos.

13 Ao serem atendidas pelo PEMA era realizada uma entrevista inicial. Estes destaques são dessa entrevista feita pela equipe do programa com L.

não traumatizante, ela não tem raiva do avô e perdoaria se ele pedisse desculpas". Ao mesmo tempo diz que *"ele (o avô) é um homem mau, não sentiu tristeza pela sua morte e ela não consegue esquecer ele"*.

A contradição que parece perpassar a fala de L. também está presente na postura da família diante do fato. *"L. diz que a mãe dela (D.) não deixou que ela contasse para o pai de L. (M.) porque senão M. impedia as visitas ao avô"*. O segredo pedido pela mãe a L. reforça uma dimensão presente na cultura de que questões referentes à sexualidade e abuso sexual são tratadas, na nossa sociedade, no âmbito do privado (da casa).

Saffioti (1997) afirma que a "construção social do ser homem e do ser mulher", é apenas um dos princípios normatizadores da sociedade, que articulado a outros como raça/etnia, classe social, orientação sexual e faixa etária, promovem a hierarquização das relações entre homem e mulher, bem com entre os próprios homens.

Esta autora considera ainda a família, como o primeiro veículo dessa hierarquização. Uma vez que é através do processo de socialização, que meninos e meninas iniciam a internalização dos códigos de conduta aceitos (e estimulados socialmente).

É crescendo nesse contexto conflitivo que L. se encontrava: submissão ao abuso sexual; no pedido feito pela mãe para não contar ao pai de L; nos sentimentos contraditórios em relação ao seu "voinho". Conflitos que vão também incluir outros membros da família. Alguns destes vão negar o fato (o hábito de abusar do avô) pois L. diz que *"a avó (mulher do agressor) quando soube não acreditou falando que o marido seria incapaz de fazer essas coisas"* assim como a tia de L.(irmã de D.) também não acreditou que o pai tivesse cometido o ato de abuso contra L., mesmo que *"as três filhas dessa outra filha (tia de L.) também tenham sido abusadas, mas não tiveram coragem de contar para a tia de L."*

Assim é que a "roda-viva" da violência se alimenta, se repete, atravessando gerações, "de mãe para filha, de família para família, como uma espécie de dinâmica social, produz regras e se faz incorporar" (Langley e Levy,1980). Os processos identificatórios vividos por L. ao longo de seu desenvolvimento passaram pela negação e ocultamento (da violência), aprendidos no âmbito familiar, e passaram a fazer parte da vida de L. Além de servirem de parâmetros para comportamentos como "o medo ao toque dos namorados" influenciou nas perspectivas de vida que L. têm atualmente (aos 17 anos) pois esta, no início da

adolescência, foi estudar e morar em um colégio de freiras (numa cidade vizinha à roça da família) e atualmente está dividida em “se tornar ou não freira” pois “*pedi um tempo (à congregação do convento) para me decidir se quero ou não ser freira*” . Com isso L. não tem tido relações afetivas e sexuais com outras pessoas. A saída de L. para seus sentimentos em relação ao abuso sofrido está sendo a “religião” e a “abstinência sexual”.

Modelos apreendidos socialmente acabam redundando em comportamentos e hábitos repetitivos e resistentes a mudanças. No Pará casos como o relatado por L. (de violência sexual na família) não são fatos raros de ocorrer, pelo contrário em diversas outras ocasiões, situações como essas vividas por L. me foram relatadas¹⁴. Em relatório de pesquisa da Associação das organizações de mulheres trabalhadoras do Baixo Amazonas – AOMT-BAM ¹⁵, entidade da sociedade civil paraense, essa situação (abuso sexual) perpetrada por familiares é relatada.

“as primeiras experiências sexuais se dão normalmente na adolescência , e é comum a mulher casar já grávida ou depois de um ou dois filhos, e nem sempre com o pai da criança. O incesto não é incomum. O incesto de pai com filha, avô com neta, ocorre constantemente em pelos dois ou três casos por município. Em Terra Santa a menor C.S foi estuprada pelo pai desde os 7 anos e até hoje vive com ele e mãe sem maiores conflitos. Outra menor em Terra Santa,A .V. engravidou do próprio pai aos 13 anos e hoje , com 16 anos, continua vivendo com ele e a mãe que nega essa relação (do pai com a filha)...” (AOMT-BAM, 1998, p.63)

Como mostram Ariès (1978), Saffioti (1989;1992;1997;1997a), Ozella (2002), infância e adolescência são conceitos construídos social e historicamente, não são apenas produtos de transformações hormonais, biológicas. São dependentes da época histórica e da sociedade no qual o sujeito está inserido. Não podemos deixar de levar em consideração que hoje em dia, muitos jovens no Brasil, especialmente em Belém e no Estado do Pará, que é o que nos interessa aqui, têm de enfrentar responsabilidades com filhos, contribuir no orçamento doméstico, viver e/ou trabalhar nas ruas, realizam trabalho clandestino, como por exemplo, tráfico de drogas e prostituição, para sustentar a si e seus filhos e muitas vezes

14 Em outros trabalhos realizados em várias regiões do Estado (Sudeste, Baixo-amazonas, salgado, transamazônica) por ocasião em que desenvolvi trabalhos de assessoria, extensão junto à UFPA e grupos de mulheres foram vários relatos sobre essas situações de violência sexual existente no âmbito familiar no Estado.

15 Esta pesquisa foi realizada de 1993 a 1996 e tinha por objetivo entrevistas mulheres residentes na região, acima de 15 anos, em relação a várias temáticas como saúde, sexualidade, violência, cultura,prostituição etc. O relatório que estou utilizando citando tinha o resultado de 3293 entrevistas feitas com mulheres de 13 municípios da região chamada de Baixo Amazonas (Pará). Esta pesquisa foi coordenada pela AOMT-BAM e teve assessoria da UFPA.

seus pais¹⁶, tem uma influência direta na transformação sobre os significados atuais de infância/adolescência para muitos de nossos jovens.

Mas também muitos dos valores conservadores, já enraizados e transmitidos por gerações, continuam a nortear a vida das pessoas.

São os valores apreendidos socialmente e muitas vezes conflitivos (se mais rígidos ou mais flexíveis) que vão, estabelecer e influenciar, os comportamentos de crianças e adolescentes. Como dizem Barroso e Bruschini (1990)

*“... A sobrevivência e felicidade no mundo atual dependerão da maior tolerância à experimentação e da conseqüente flexibilização de padrões. Nosso grande desafio é ajudar nossas crianças e adolescentes a viver a liberdade do **experimental sem culpa**, é dar-lhes a chance de entender e construir suas identidades sexuais...”*

Em sociedades desiguais, como a brasileira, esse processo de construção de referenciais (para os adolescentes) pode ser crítico.

As variáveis se modificam de cultura para cultura, e estão ligadas às tipicidades culturais nas quais se inserem, como a dinâmica do núcleo familiar e a história de vida, da criança e adolescente; o processo histórico e social; a classe social; o tipo de trabalho exercido etc. Entender alguns elementos presentes na cultura paraense é fundamental para entender situações de violência .

II. Algumas reflexões sobre cultura da Amazônia

“foi boto sinhô, foi boto sinhá,...que veio tentá...e a moça levou...” (expressão popular do Pará)

Muitas mortes de indígenas na Amazônia ocorreram após o processo de colonização. Segundo Hoornaert (1992) a entrada da exploração mercantilista na Amazônia foi “acompanhada de violenta brutalidade, matança sem precedentes destes povos hospitaleiros” de acordo com alguns registros históricos,

“Bento Maciel teria massacrado e levado ao cativo mais de 500 mil índios e Pe. Antônio Vieira detectou mais de 2 milhões de

16 O Pará não é diferente do resto do País os dados sobre gravidez precoce indicam que é, na faixa etária de 12 a 19 anos, que se concentram as maiores taxas. Assim são as adolescentes que estão reproduzindo no país e estabelecendo novas configurações familiares .

mortos e outros cronistas colocam números mais elevados do que estes” (Hoornaert, 1992)

As mudanças no campo geopolítico, econômico e simbólico no Pará provocaram revoltas e resistências (por parte da população local). Muitas foram explícitas, como no caso do movimento da cabanagem¹⁷, e outras não tão explícitas como a presença na cultura local, até os dias de hoje, de valores trazidos pelos europeus e missionários e que se fazem presentes, ainda hoje, no discurso de pessoas de várias comunidades paraenses.

*“...a cultura milenar de vários povos habitantes da Amazônia, não foi de todo suplantada (a não ser a língua), pela cultura colonizadora, porém sofreu dela grande influência...a língua falada antes da chegada do colonizador, foram, pouco a pouco sendo expulsas, tanto pelos missionários, como pela força da lei. O Nheengatú, a **língua geral** falada até os idos do século XVIII, foi definitivamente proibida, por decreto do Marquês de Pombal...as catequeses realizadas pelas ordens e congregações religiosas, associadas a leis, decretos e costumes dos colonizadores, tiveram efeitos tão violentos que se fazem sentir na cultura ainda hoje...mesmo assim sente-se o sotaque remanescente da língua nativa, o que caracteriza o falar do **interior**, ora acentuando a fonologia do **o** pelo **u** ou vice versa **canua** ou canoa; ora com expressões bem carregadas: **ora, su’mano = ora, seu mano**...o costume das procissões, resquícios das manifestações cívicas romanas, nas ladainhas, muitas vezes em latim; das manifestações da semana santa, do natal, misturadas com costumes nativos como danças dos animais –**boi, pássaros, peixes**...a cultura desta população é um sincretismo, que deixa entrever o peso da cultura nativa, influenciada pelo habitat das florestas e dos cursos d’água...” (AOMT- BAM, 1998, pp25-26)*

Por outro lado homens e mulheres, ao longo da História, vêm fazendo e refazendo suas vivências, suas experiências físicas e sociais. Intervêm no mundo e não simplesmente se adaptam a ele. Em um país com grande influência religiosa (principalmente a católica), como o Brasil os preceitos religiosos e tabus se incorporaram na constituição cultural da Amazônia.

“a nova religião serve assim de modelo para a transformação do mundo conquistado. Impõe casamentos com ritos e monogamia (feminina), sacramentalisa à moda tridentina, onde a metodologia da inculcação e práticas externas de ritos é usada para dominar e subjugar povos. Esta metodologia fabulosa e eficaz, onde a prática ritualista, sob o signo do medo do sagrado, ou do castigo de um Deus desconhecido, porém apresentado como acima de tudo e de todos, obriga a decorar códigos, preces, ladainhas. Transforma inclusive as relações de gênero, impondo novos comportamentos que serão reproduzidos por quatro séculos e quantos mais que virão...” (Sena, 1997:39)

¹⁷ Movimento que aconteceu no Pará de luta contra a colonização portuguesa a partir de 1835

Lerner (1986) em texto intitulado *Gênero e Patriarcado* fala da constituição da religião monoteísta hebréia e sua relação com os outros cultos antigos de várias civilizações, influenciando a sexualidade e as crenças destes.

“...a emergência do monoteísmo hebreu toma a forma de um ataque contra os difundidos cultos de várias deusas da fertilidade. No Livro do Gênesis, criação e procriação são atribuídas ao Deus todo-poderoso, cujos epítáfios de ‘Senhor’ e ‘Rei’ o estabelecem como um deus masculino, tornando-se a sexualidade feminina um pecado e um mal, quando dissociada da procriação...”(Saffiotti apud Lerner, 1986,pp28-29)

Johnson (1997) vai além do que pontua Lerner ao assinalar o avanço do conhecimento científico (sobre os processos fisiológicos e anatômicos) e a maneira como as mulheres vão perder seu lugar de “conhecedoras da vida” lugar que passa a ser ocupado pelos homens.

“Se a reprodução não era uma questão de magia feminina e poderia ser controlada como qualquer outra coisa, então, a conexão especial das mulheres com a força da vida universal estava perdida e os homens podiam colocar-se no centro das coisas. O conhecimento de que os homens desempenhavam um papel na reprodução, por exemplo, abriu as portas para a crença de que homens, e não mulheres, são a fonte da vida, aqueles que plantam sua semente nos campos passivos e férteis dos úteros das mulheres” (Johnson,1997,p.47)

Com a modernização da sociedade e o processo de colonização a população local, maciçamente indígena até o século XVI, começam também a ocorrer alterações em suas concepções e valores: virgindade; casamento; maternidade; amor; papéis sexuais, que foram valores trazidos pela cultura européia, se confrontaram com os valores da população local.

“... a família carajá observa rigorosamente as leis do pudor; um ataque ao pudor é um atentado provocador de atroz vingança. Entretanto o carajá oferece as suas prisioneiras aos seus hóspedes, e julga proceder bem.Nesta aldeia havia algumas Carajás como prisioneiras, e o capitão Roco¹⁸ as oferecia aos tripulantes...Fiz-lhe sentir a enormidade de sua ação e a baixeza de seus sentimentos. Não sei se envergonhou-se com a pronta reprovação...” (Cândido apud Moraes, 1995 p.193)

18 No século XIX (1880), mais precisamente na região sudeste do Pará um viajante (Joaquim Almeida Leite de Moraes) descreve através de apontamentos de viagem seu percurso , de barco, de São Paulo até Belém do Pará. Esses apontamentos são muito ricos em descrições da fauna, flora, organização social das várias comunidades pr onde este viajante andou . Estas notas foram organizadas por Antônio Cândido e publicadas em 1995 com o nome de Apontamentos de Viagem pela Companhia das Letras.

Também se mantiveram presentes conflitos de gênero, geracionais e raciais/étnicos (entre a cultura indígena; negra e branca européia) em várias comunidades da Amazônia. Muitos desses conflitos se fazem presentes nas práticas culturais e religiosas ainda hoje pertencentes à cultura regional. Sena (1997) coloca que ,

“...é pois através do mito e das lendas, que o imaginário amazônico revela a resistência à cultura imposta, guardando na memória a ordem estabelecida pelos seus antepassados...ali nas cidades maiores, onde a modernidade penetrou com a sua ideologia, as pessoas tendem a desacreditar das histórias e crenças dos que vivem a beira dos inúmeros lagos, rios, igarapés, furos, paranás. Porém lá no fundo essas pessoas expressam uma certa desconfiança como a dizer –será mesmo?... (Sena, 1997:55)

L. a jovem que atendemos no PEMA era oriunda de uma cidade ribeirinha (marguada por rios e mangues). Sua família ganhava o sustento da terra e da pesca. Aliás o avô abusador era pescador e se aposentou nessa profissão. Da tradição rural e da pesca com certeza incorporaram no seu cotidiano elementos culturais da região.

Esses elementos segundo Sena (1997) que se manifestam através inúmeros dos rituais religiosos, oriundos da tradição européia; dos mitos e lendas indígenas são ainda hoje explicações para fatos do cotidiano de muitas comunidades paraenses. Persistem no imaginário popular justapostos , e os relatos deste povo parecem desmentir a idéia de um “país onde as culturas se juntaram” e onde a “democracia racial e cultural” é o lema do Brasil.

Tradições religiosas européias, mais particularmente portuguesas convivem com a cultura indígena e são o pano de fundo de explicações sobre relações sexuais; gravidez na adolescência; relações extra- conjugais; violência sexual etc , se utilizando de relatos de lendas e mitos como o “da cobra grande” e do “boto”.

“...João Guimarães é filho de Boto. A moça viajou com seu pai. Eles pararam numa praia e a moça ficou menstruada. O pai da moça saiu e ela ficou. Então se deitou no barco e, nesse cuchilo que ela deu, o boto se aproveitou dela e a engravidou. No parto dela nasceu uma criança morta. Enterraram a criança. Depois o boto pai, levava a criança, toda noite, pra amamentar. Depois ele se formou em homem, então ele começou a aparecer pra tia dele e pedir que quebrasse o incanti, só que não tinha ninguém de coragem...” (M.O.C. A,56 anos,Óbidos-Pa)

“a minha tia quando ela era moça, ela mais a outra tia foram a uma festa em Belterra...aí passou um boto no lado da canoa, aí ela disse:ah! Boto se tu fizesse com que esse vento nos ajudasse a chegar rápido nessa festa, eu dançaria contigo...daí começou a

*festa e dois rapazes começaram a dançar com elas...dançaram até amanhecer o dia...elas contam que ficaram completamente **pixé**¹⁹ , não tinha mais quem suportasse a roupa delas...então da mesma forma aconteceu comigo, por isso que eu digo que boto é **lindo**! Só que ele vinha de uma outra maneira. Quando ele entrava na porta, eu adormecia, eu sentia, sabe, eu via ele chegar...já era pra cama. Era um Ricardão, ele era muito tarado sabe?!...pra mim se eu contasse, parecia que aquela pessoa ia fugir. Eu não sabia como contar, eu não tinha jeito,...assim...coragem de contar. Eu vivia perseguida por um homem que realmente não conhecia...Conversava, dialogava, vinha.Fazia mais carinho mais do que meu próprio marido.É verdade...”(M.N.S., rio arapiuns-Pa)*

Segundo Pereira (1994, p.56) os primeiros relatos sobre a lenda do boto aparecem , na Amazônia, em meados do século XIX e segundo o autor esta lenda “é um estratagema da população amazônica para justificar uma sexualidade nativa, reprimida pelos missionários”. Sena (1997,p.70) coloca que os “missionários queriam imprimir o costume da virgindade (oriundo da religião católica) às jovens locais e a relação sexual somente após o casamento”.

A lenda do boto pode então justificar uma relação extra-conjugal ; um filho nascido diferente dos outros; um pai que abusa a filha;uma jovem respeitada engravidar etc.Pode também justificar e ser uma resposta para a falta de satisfação sexual no casamento engendrando um motivo externo a sua vontade, plenamente aceito pela comunidade. Por outro lado na cultura da região é comum se atribuir “dupla personalidade” a certos elementos da flora e fauna ou mesmo a pessoas. Assim é fácil transferir ao boto a “responsabilidade” por uma vida sexual (no mínimo prazerosa) sem que a pessoa seja coagida a falar da vivência da sexualidade.

III Uma reflexão sobre a categoria gênero,relações de dominação e violência.

Uma proposta para entender adolescentes em situação de violência doméstica e sexual, deve levar em conta os valores/padrões, que estabelecem normas diferenciadas, para cada gênero (meninos e meninas); geração; raça/etnia nos contextos sociais e culturais onde estes ocorrem, pois estas categorias (gênero,geração,raça) são elementos importantes para compreensão de desigualdades e assimetrias.

19 Cheiro forte atribuído ao boto, pela população local.

Scott (1991, p.14) coloca que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Esta autora coloca quatro elementos, que são constitutivos, para a primeira parte dessa definição, e que estão relacionados entre si:

1. *Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas* (Scott, 1991, p.15) e muitas vezes contraditórias. Como por exemplo, Eva e Maria. A pureza e a sujeira, o masculino e feminino... As apresentações desses símbolos podem propiciar múltiplas interpretações, mas são contidas em interpretações binárias, a partir de explicações culturais, reprimindo o conflito e “perpetuando a manutenção da interpretação dominante sobre esses símbolos”.
2. *Conceitos normativos que, colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Conceitos expressos nas doutrinas religiosas educativas, científicas, políticas ou jurídicas, tomando a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica o sentido de masculino e feminino, via rejeição ou repressão de outras formas* (Scott, 1991, p. 15). Assim, por exemplo, a virilidade é associada ao “Masculino” e a feminilidade ao “Feminino”.
3. Um terceiro elemento seria *a noção de fixidade, de imutabilidade, que leva à aparência eterna na representação binária dos gêneros* (Scott, 1991, p. 15). Pois Scott coloca que, a maioria dos estudos, além de não apresentar a dialética da história, das práticas sociais nas suas análises, não incluem a noção de político, compreendendo esse político, como a resistência ou coerção a que foram sujeitas as mulheres, principalmente para ficarem fora da história. Teria então que se incluir, na conceituação de gênero, a noção de político, tanto em relação às Instituições, como em relação às organizações sociais.
4. Outro elemento seria *a noção de Identidade Subjetiva de gênero*. Como as Identidades de gênero são construídas, a partir de formação de conceitos/preconceitos imaginária e simbolicamente. A partir da compreensão da linguagem enquanto elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos, que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer a sua subjetividade.

Na segunda parte da definição de Scott (1991), de que *o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder*, esta utiliza como um dos exemplos, para basear sua definição, em uma afirmação de Godelier (1981), o qual segundo Scott (1991, p.17), faz uma reflexão de como o gênero pode estar implicado na concepção e construção do poder, no seu trabalho “The Origins of Male Domination”.

*“... Não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas sobretudo a sociedade que fantasma a sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos que são ligados ao sexo, são constantemente solicitados para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não têm a ver com a sexualidade. Não é só testemunhar, mas testemunhar a favor isto é, legitimar”*²⁰(Godelier, 1981, p.17)

Para Scott a questão do poder em relação à hierarquia de gênero, é um ponto importante em seu trabalho. Pois, segundo Scott (1991), estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero, estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que, “essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder” (Scott, 1991, p.17).

Thompson (1995)²¹ vai assinalar, em seu trabalho sobre “ideologia e Cultura”, a importância de entender as desigualdades, já que estas se manifestam em vários planos: político, cultural e o econômico. Para este autor, as desigualdades passam também pelo plano simbólico, com as formas simbólicas se entrecruzando com as relações de poder. Thompson faz uma indagação “de que maneira o sentido serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação?” Para Thompson, existe uma circulação generalizada de formas simbólicas e, a produção e a troca de formas simbólicas (lingüísticas, gestos, ações), é e sempre têm sido uma característica onipresente na vida social (Thompson, 1995, p.9). Para entender a importância, das formas simbólicas, ele explicita o porque

20 op.cit. Scott, Joan .Gênero uma categoria... Segundo nota, neste trabalho da autora, ela se refere ao trabalho de Maurice Godelier que em francês foi publicado sob o título *Les Rapports Hommes/femmes: le probleme de la domination masculina* In **La Condition Feminina**, obra coletiva sob direção do CERM, Ed. Sociales, Paris, 1976”.

21 Op. cit. Thompson, John, B. Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social ...

desse interesse e a possibilidade de articulação destas com a (s) relação(ões) de dominação.

“Estamos interessados do que podem ser chamados usos sociais das formas simbólicas...em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar as relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas”. (Thompson, 1995, p.18)
“formas simbólicas através dos quais nós nos expressamos e entendemos os outros não constituem um outro mundo, etéreo que se coloca em oposição ao real: ao contrário, elas são parcialmente constitutivas do que em nossas sociedades é real” (Thompson, 1995, p.19)

Por outro lado, de acordo com Thompson (1995), no âmbito das Ciências Sociais, o estudo das formas simbólicas está associado ao “conceito de cultura”. Thompson vai propor uma modificação nesta conceituação de cultura (presente nas ciências sociais), na medida em que vai acentuar, que os fenômenos culturais, podem ser vistos como formas simbólicas em contextos estruturados, que a contextualização, das formas simbólicas, implica também, que estas “podem tornar-se objetos de processos complexos de valorização, avaliação e conflito” (Thompson,1995, p. 23). Brandão (2000), analisando Thompson (1995, p. 165), pontua que este autor,

“propõe um conceito de cultura que denomina concepção estrutural de cultura (grifo da autora), sugerindo uma concepção que dá destaque tanto ao caráter simbólico dos fenômenos culturais, como ao fato de tais fenômenos estarem inseridos em contextos sociais estruturados” (Brandão, 2000, p. 12)

Thompson também explicita a “valorização,” como processos, através dos quais é conferido às formas simbólicas determinado “valor” (Thompson,1995). Existe, segundo o autor, duas formas de valor: simbólico e econômico ,

“valor simbólico- o valor que as formas simbólicas possuem em virtude das maneiras como elas são apreciadas pelas pessoas que as produzem e recebem, em virtude das maneiras como elas são apreciadas ou denunciadas, queridas ou desprezadas por esses indivíduos...
valor econômico- pode ser entendido como o valor que as formas simbólicas adquirem em virtude de serem trocadas no mercado” (Thompson,1995, p. 23)

Como a ideologia poderia atuar, estabelecendo e sustentando relações de dominação nas instituições e no nível intrapsíquico, reforçando as assimetrias e a desigualdade entre adultos e crianças/adolescentes no Pará?

Para Thompson os significados, são inerentes a cada cultura e podem existir vários sentidos (significados), dependendo do contexto social ; do valor atribuído (ser aceito ou desprezado pelos indivíduos); do sentido, que mobilizado, pelas formas simbólicas, está continuamente implicada na construção de relações sociais , estabelecendo e sustentando relações de dominação.

A proposta teórica. deste autor, em relação à “ideologia”, por outro lado, pode colaborar na discussão de gênero e poder, porque este vai assinalar “as desigualdades passam também pelo plano simbólico, com as formas simbólicas se entrecruzando com as relações de poder” (Guedes,2002)

“na reformulação do conceito de ideologia procuro reenfocar esse conceito numa série de problemas que se referem às inter-relações entre sentido (significado) e poder...o conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas-que eu chamarei de relações de dominação. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é sentido a serviço do poder.” (Thompson,1995, pp.15-16)

Podemos então, seguindo Thompson (1995) falar de “dominação quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas” (Thompson,1995, p.80). Algumas das assimetrias presentes historicamente são o gênero, geração, raça e classe. Para este autor,

“... entre as assimetrias que são mais importantes e mais duráveis nas sociedades modernas, estão aquelas baseadas nas divisões de classe, gênero, etnia, estado/nação. Elas são alguns dos elementos que estruturam as instituições sociais e os campos de interação...”.(Thompson, 1995, p.378).

Arendt (1985) analisa a relação entre poder e violência no campo social e político partindo do pressuposto de que eles ocupam pólos contrários *onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente* (Arendt,1985,p.30). O poder é, segundo Arendt, aquele que delegamos a outrem: elegemos um outro e de comum acordo o fazemos representante de nossos anseios e decisões. Este então não precisa utilizar de força para exercer seu poder, ao contrário, quando a força se faz presente o poder já foi ou está sendo perdido. Portanto, está

instalada uma potência e a utilização da violência ocorre na tentativa de retomar, a qualquer custo, aquilo que foi perdido (Guedes,2002)

Assim, esta análise torna-se válida para a compreensão da violência nas relações do âmbito doméstico, pois como foi mostrado anteriormente, o masculino ocupa um espaço privilegiado nas sociedades, e como tal, supostamente, detém um poder sobre a mulher. Na relação conjugal é reafirmado esse lugar de macho, o contrato matrimonial é o meio legal pelo qual se estabelece o controle do marido.

A existência de leis civis e religiosas outorgam aos homens direitos sobre as mulheres e alimentam a crença de que eles como seus protetores e proprietários têm o direito de bater em suas esposas, aplicando o que chamavam de “*castigos domésticos*”(Langley e Levy,1980,p.56) da mesma forma que podiam castigar ou abusar de crianças e aprendizes. À mulher cabia apenas obedecer os ditames sociais e religiosos segundo Almeida e Saffioti (1995) pois,

“... dada sua socialização, as mulheres tendem a ser muito provedoras no campo afetivo... e cuidar do material. Trata-se de tarefas muitas vezes penosas que a mulher desenvolve para agradar, uma vez que lhe ensinaram a tentar agradar sempre...”(Almeida e Saffioti,1995,p.86)

Afinal esse era o significado do ser mulher – amar incondicionalmente, ser mãe. Para manter este suposto poder, fixando papéis/ lugares, é que o homem utiliza-se da força e tenta assegurar o seu “dito poder” pela violência. Essa postura é tolerada e legitimada pela sociedade, e é justamente a aceitação social da violência masculina contra as mulheres (e meninas) que faz dela uma violência de gênero. As pesquisas indicam que a maioria das agressões físicas ocorridas no âmbito doméstico são sofridas por pessoas do sexo feminino, estando mulheres e meninas mais expostas.

Saffioti (1997 a) enfatiza que as relações de gênero, sendo o pano de fundo deste tipo de violência, permitem antecipar quais são os agentes da agressão e quais são as personagens vítimas. Ocorre que *a sociedade não é apenas androcêntrica, mas também adultocêntrica*. A autora cita estudo de Azevedo e Guerra (1988) que assinalam a existência de dois tipos de violência: estrutural e violência inerente às relações interpessoais adulto-criança. existentes na sociedade. Saffioti faz no entanto algumas considerações sobre as reflexões de Azevedo e Guerra.

“A violência estrutural, inerente ao modo de produção das sociedades desiguais em geral e da sociedade capitalista em particular, não é a única forma de fabricar crianças vítimas. A seu lado- e por vezes, mas não necessariamente em intersecção com ela -coexiste a violência inerente às relações interpessoais adulto-criança (Grifos no original)...Da maneira como a idéia foi exposta, sinaliza a inexistência de contradição nas relações de gênero e nas étnico-raciais, o que vale dizer que a violência não é inerente a estas relações. A postura aqui assumida é frontalmente contrária...porque o gênero e a raça/etnia são tão fundantes das relações sociais quanto a classe...(Saffioti, 1997 a, pp.145-146)

Assim um tipo de violência comumente sofrida pelas mulheres dentro de casa e raramente denunciada é o abuso sexual. Primeiramente, porque muitas mulheres acreditam que o ato sexual é um dever conjugal ao qual ela tem que se submeter, mesmo contra a sua vontade, para dar prazer ao parceiro cumprindo assim, seu papel de esposa. Em segundo lugar, porque sentem muita vergonha de se expor ao falar de um assunto tão íntimo. Portanto, por trás de toda violência há uma ideologia que cria e lhe dá sustentação. Embora nem sempre seja percebida pelos sujeitos envolvidos, ocorrendo assim, a perpetuação e reprodução daquela, pelos homens e mulheres, em suas relações sociais, sem que estes (as) se dêem conta disto.

Pensar e repensar estas questões são fundamentais em relação a todas as culturas, dentro de uma análise, que permita entender como a construção dessas representações historicamente situadas, foram colaborando nas desigualdades de geração,gênero e nas assimetrias, pois elas são estruturantes da cultura.

Assim se por um lado o relato de L. e outros depoimentos, feitos por crianças e adolescentes à equipe do PEMA, não mantêm uma diferenciação de outros estudos realizados em alguns estados do País, por outro a forma como muitas famílias “convivem”, com essa forma de violência, às vezes nos parece ser “singular” e específica da região .

Talvez um dos elementos importantes para entender as relações de violência sexual possam estar engendradas na compreensão da constituição cultural do povo nessa região da Amazônia.

Referências Bibliográficas:

- ABRÁPIA.(1997) *Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes*. FILHO, Lauro Monteiro. (coord.). 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, Nº 3.
- AOMT-BAM (1998) *Diagnóstico da Mulher do Baixo Amazonas*. Santarém:UFPA/FNUAP, mimeo.
- ALMEIDA & SAFFIOTI, H.(1995) *Violência de Gênero, Poder e Impotência*.Rio de Janeiro: Revinter.
- ARENDT, H. (1985) *Da Violência*.Brasília:Ed. UnB.
- ARIÈS, Philippe. (1978) *A História Social da Família e da Criança*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- AZEVEDO, M. A.,GUERRA, V. N. A (1988) *Pele de asno não é só história...um estudo sobre a vitimização sexual de crianças em família*. São Paulo: Editora Roca
- BARROSO Carmem; BRUSCHINI, Cristina. (1990) *Sexo e Juventude: Como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola*. São Paulo, Ed. Cortez.
- BRANDÃO, Maria Aparecida da Silva (2000) *Homilias em casamento católico: uma interpretação da ideologia de gênero*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)-PUC/SP
- CDM (1996). *Direitos Sexuais da Criança e do Adolescente: Leitura Social e Jurídica- Exploração Sexual e Violência Sexual*. Belém: CDM
- DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana (1997) *O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza* In Madeira, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos Sobre Crianças e Adolescentes Pobres no Brasil**. Rio de Janeiro:Record/Rosa dos Tempos, pp.135-211
- FUNPAPA/GEMPAC. (1998). *Estudo Exploratório com Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social e Pessoal* . Guedes, M.E.F. (Coord.). Belém , julho /1998, pp.9-138, mimeo.
- GODELIER, Maurice (1976) *Les Rapports Hommes/femmes: Le probleme de la domination masculina* In **La condition feminina**. Paris : CERM/Ed. Sociales
- GUEDES, Maria Eunice Figueiredo (2002) *Algumas considerações entre Gênero, Violência e o Programa Prevenção, atenção e atendimento a mulheres,crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e sexual- PEMA*. São Paulo, 2002, mimeo, pp.17-32
- HOORNAERT, Eduardo (org.) (1992) *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes
- JOHNSON, Allan G. (1997) *The Gender Knot: unraveling our patriarchal legacy*. Filadélfia: Temple University Press.
- LANGLEY, R. & LEVY, R. *Mulheres espancadas. Fenômeno Invisível*. São Paulo:Hucitec, 1980, p. 56.
- LERNER, Gerda (1986) *The Creation of Patriarchy*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- MORAES, J. A .Leite (1995) *Apontamentos de Viagem*, Antonio Candido (org.).São Paulo:Companhia das Letras
- OZELLA,Sérgio(2002) *Adolescência: uma perspectiva crítica* In **Adolescência e psicologia:concepções,práticas e reflexões críticas**.Maria de Lourdes Jeffery Contini (Coord.);Org. Silvia Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, pp 16-24

- PEREIRA, F. Kreüther.(1994) *Painel de Lendas e & Mitos da Amazônia*. Belém:Falangola editora
- SAFFIOTI, Heleieth, I.B.(1989) *A Síndrome de o pequeno poder* In Azevedo, Guerra (org.) **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**.São Paulo: Iglu Editora, pp.25-47
- _____ (1992) *Abuso sexual incestuoso*. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq. Investigação realizada na cidade de São Paulo, com 52 famílias incestuosas, por meio de entrevistas gravadas com as vítimas, suas mães e agressores, entre 1988 e 1992.
- _____ (1997a).*No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual* In Madeira, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos Sobre Crianças e Adolescentes Pobres no Brasil**. Rio de Janeiro:Record/Rosa dos Tempos, pp.135-211
- _____ (1997b) *Violência Doméstica ou a Lógica do Galinheiro*. In: **Violência em Debate**. Krupotas, M. (org). São Paulo: Moderna, p. 46.
- _____ (2002). *Gênero e Patriarcado*.São Paulo, mimeo.
- SENA, Eunice Maria Moura (1997) *O poder oculto das mulheres no Baixo-Amazonas: religião e cultura*. Santarém:UFPA:DCS
- SCOTT, Joan. (1991) *Gênero; uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: An useful category of hystorical analyses. Recife: S.O.S. Corpo.
- SEPLAN. (1997). *Dados Estatísticos de Belém*.
- SILVA, Ana Lúcia, Santos. (1997). *Violência Sexual Infantil - casos envolvendo familiares- Projeto de pesquisa*. Belém, mimeo.
- THOMPSON, John, B.(1995) *Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes Editora,pp.7-427